



## A DESPATOLOGIZAÇÃO COMO ÉTICA FORMATIVA

ADRIANO MATTEI<sup>1</sup>; VIVIAN NOLASCO<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>CESURG – [adrianomattei@cesurg.com](mailto:adrianomattei@cesurg.com) 1

<sup>2</sup>CESURG – [viviannolasco@cesurg.com](mailto:viviannolasco@cesurg.com) 2

**Resumo:** O presente artigo busca apresentar os objetivos, justificativa e problemática que serão discutidos no Grupo de Pesquisa 'GPD Despatologizando', indicando alguns dos autores que serão utilizados como balizadores dos estudos realizados. A temática da patologização e da medicalização mostra-se, no contexto social atual, muito relevante e carente de reflexões mais aprofundadas, principalmente quando consideramos o processo formativo dos futuros profissionais da psicologia. Esses estudos e reflexões, com suas bases filosóficas e psicanalíticas, visam proporcionar, aos profissionais em formação, o desenvolvimento de um pensar crítico, que reúna as condições necessárias para uma atuação ética frente a problemática da patologização e da medicalização. A proposição de ações práticas que visem a transformação desse cenário beneficiando o meio social onde esses profissionais estarão inseridos.

**Palavras-chave:** Medicalização. Psicologia. GPD Despatologizando

### 1 INTRODUÇÃO

O artigo propõe elucidar o trabalho do Grupo de Pesquisa 'GPD Despatologizando', de caráter interdisciplinar, formado por docentes e estudantes da Faculdade CESURG Sarandi/RS. O grupo busca tensionar a problemática que atravessa o campo das infâncias e das docências, incluindo na transmissão do ofício — como eixo transversal do ensino, da pesquisa e da extensão — o tema da despatologização. O problema de pesquisa investiga quais são os efeitos, para a formação das novas gerações de pedagogos(as), psicólogos(as), enfermeiros(as) e advogados(as), a inclusão da temática da despatologização como eixo transversal que permeia o tripé ensino, pesquisa e extensão. A fundamentação teórica ancora-se em obras de referência da filosofia e da psicanálise, contemplando autores como AGAMBEN (2009), BARBIER (2002), BAUMAN (2001), DELEUZE, G; GUATTARI, F.



(1995), FOUCAULT (1987, 2011), FREUD (1905), BYUNG (2015, 2021) JERUSALINSKY, A; FENDRIK, S; orgs. (2011), JERUSALINSKY, J. (2011), LACAN (1959-1960), LARROSA (2002), PAÍS (1996), PAULON, S. M. (2004).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os processos de patologização e medicalização assolam as infâncias e aqueles que delas cuidam. O furor em classificar e diagnosticar as dificuldades nas aquisições do desenvolvimento — linguagem, comunicação, aspectos psicomotores, o brincar, hábitos de vida diários, aprendizagem, relação com a lei e com o semelhante —, bem como as situações patógenas de risco à estruturação psíquica (neuroses graves, autismos e psicoses) e os comportamentos considerados inadequados, têm promovido o uso medicamentoso como forma de “tratamento” (REDE-BEBÊ, 2025). Conforme Foucault (1987, p.52) já destacava “quanto à sua função, o poder de punir não é essencialmente diferente do de curar ou educar”, ou seja, o discurso dominante (poder) que reflete uma concepção de normalidade, acaba determinando as formas mais adequadas e efetivas de entregar indivíduos “normais” para o contexto social.

Estabelece-se, assim, um contrassenso: na primeira infância, as estruturas orgânicas, psíquicas, subjetivas e cognitivas ainda não estão decididas e sim em plena constituição (JERUSALINSKY, A. 2005; JERUSALINSKY, J. 2011), e a medicamentação obstaculiza os movimentos formativos em vez de promovê-los, pois “a medicalização e a farmacologização exclusiva da dor impedem que ela se torne fala, sim, crítica. Elas tiram da dor o caráter objetivo, o caráter social” (BYUNG, 2021, p.34). Isso ocorre porque se nega a relevância do Outro (LACAN, 1959-1960/2008) estruturante — pais, cuidadores, professores e profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Na relação do bebê e da criança pequena com o mundo, são os adultos que salvaguardam as funções cruciais, sem as quais não é possível o desenrolar da constituição psíquica e estruturação subjetiva.

A condição humana é uma conquista feita junto àquele que cuida. O bebê humano atravessa um largo período de desamparo radical e total dependência da presença que lhe assegurará (ou não) cuidados, não somente à sua subsistência física, mas sobretudo à emergência de seu psiquismo. Freud afirma que “o desamparo



inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais” (FREUD, 1895). A dependência radical do bebê ao Outro (LACAN, 1959-1960/2008) é o protótipo da responsabilidade do adulto e, portanto, da dimensão política dos cuidados com a infância.

A despatologização como ética formativa, recupera os efeitos do ato fundante que a presença do adulto encarna para a humanização de uma criança. Ausente essa presença — ou quando ela se mecaniza, reduzida a protocolos ou fármacos —, corre-se o risco de interromper o trabalho inaugural do encontro fundante. Cuidar, portanto, não é apenas assegurar a sobrevivência; é emprestar tempo, corpo, voz e olhar ao processo de humanização, dando forma sensível ao laço que faz do desamparo um lugar de encontro e de criação (NOLASCO, 2018).

A formulação de Byung (2015) sobre a sociedade do cansaço, na qual o imperativo da produtividade transforma o humano em máquina de desempenho. A pressa corrói o pensamento, e o excesso de positividade gera paralisia criativa. No campo do cuidado e da educação, essa lógica aparece nas relações e nas metodologias que prometem prescrições e resultados imediatos, reduzindo a formação, a existência e o convívio à eficiência. A medicalização, vista por esse prisma, é um sintoma da aceleração social: busca-se suprimir as diferenças porque já não se tolera o tempo da elaboração e a turbulência característica dos encontros. Despatologizar é, então, um ato de ir a contrapelo — devolver ritmo, pausa e escuta ao cotidiano e a alteridade do semelhante na diferença.

Larrosa (2002) aprofunda essa dimensão ao distinguir acontecimento e experiência. O acontecimento é o que se passa; a experiência é o que nos passa. E para que algo nos passe e permeie, precisamos de tempo. A experiência vai na contramão da informação: exige registro, transposições de registros, reflexão, contato com a vulnerabilidade humana. O professor, o estudante, o pesquisador e os profissionais que trabalham no campo da infância, empreendem o trabalho de abrir-se a essa condição de aguardo ativo e deixar-se afetar no campo da experiência. A despatologização requer essa disponibilidade para o toque do outro — um saber que



"Resiliência Científica – Desafios e Oportunidades"



não se adquire, mas se estrutura desde o encontro. Nessa perspectiva, cuidar, ensinar e pesquisar tornam-se práticas de hospitalidade.

Essa perspectiva que dá destaque para a experiência é problematizada por Bauman (2001) quando o mesmo aborda o conceito de modernidade líquida. Para o autor, a modernidade líquida caracteriza-se essencialmente pela superficialidade das relações humanas, e conseqüentemente pela falta de vivências significativas do indivíduo pós-moderno. Dessa forma, as experiências resultantes das relações com o outro são fragmentadas e frívolas, fazendo com que o indivíduo se isole e mesmo estando na multidão, sente-se sozinho.

A figura do contemporâneo (AGAMBEN 2009) como aquele que vê o escuro do seu tempo, que pertence a ele sem coincidir, interessa nesse debate. Ser contemporâneo, diz Agamben, é habitar o intervalo entre o já e o ainda não. É nesse interstício que se situa a ética despatologizante: nem presa das prescrições dos manuais diagnósticos nem refém das promessas eficiência. O trabalho com as infâncias acontece nesse tempo intermediário, tempo da experiência, do aguardo ativo, de invenção.

Nesse sentido, o objetivo geral do referido grupo consiste em favorecer a construção de bases formativas e epistêmicas necessárias ao sustento de um ofício comprometido com uma ética de cuidado despatologizante. Utiliza-se o método de grupo de estudo e pesquisa como operador de investigação. O GPD Despatologizando propõe aos estudantes, por meio do projeto integrador em modalidade de grupo de estudo interdisciplinar com vistas à iniciação científica, salvaguardar, nas esferas do ensino, da pesquisa e da extensão, o caráter interdisciplinar e político do trabalho, desentranhando dessa articulação a dialética entre pensamento e saber, ação e compromisso humano-cidadão.

Busca-se que cada estudante e docente se situe como herdeiro das lutas empreendidas por gerações anteriores, relançando reflexões a partir de novos tensionamentos. Na atualidade, observamos nas docências que, em lugar da função íntima e profundamente subjetivante do ato formativo, têm ganhado relevo relações instrumentais de ensino pré-fixadas e dissociadas de sua função transformadora. No ensino superior, presenciamos o desalento e a progressiva imobilização do



pensamento e da criatividade — elementos necessários à produção de aberturas inventivas —, o que empobrece a fertilidade do terreno formativo. Consideramos que, por meio da prática humana, política, vincular, singular e complexa, própria da relação professor-aluno no tripé acadêmico, é possível ir à contrapelo dos processos de patologização e medicalização.

### **3 MATERIAL(AIS) E MÉTODOS**

A investigação acerca da produção social da patologização das infâncias possui natureza ética, política e discursiva. Por essa razão, adota-se um método qualitativo, centrado na interpretação, na análise de discurso e na construção de sentidos a partir das implicações subjetivas que emergem do campo.

O Grupo de Pesquisa GPD Despatologizando não se limita à observação empírica; ele atua, intervém e tensiona os modos instituídos de pensar e praticar o cuidado. Assim, a opção metodológica recai sobre a pesquisa-intervenção, compreendida, segundo DELEUZE (1995), BARBIER (2002) e PAULON (2004), como um dispositivo ético-estético-político capaz de sustentar a complexidade dos processos analisados e produzir saber a partir da experiência vivida.

Nessa perspectiva, o método propõe acompanhar os processos em sua gênese, e não apenas representá-los, tomando o campo investigativo como espaço de transformação. O grupo busca produzir conhecimento e intervir simultaneamente no campo social, transformando realidades concretas por meio do estudo contínuo dos processos de despatologização.

Tal movimento se efetiva tanto nas atividades de extensão universitária — em contato direto com instituições de educação, saúde, assistência social e justiça — quanto na produção científica subsequente, expressa em pesquisas acadêmicas, mostras de iniciação científica e trabalhos junto à comunidade.

Dessa forma, a pesquisa-intervenção configura-se como um método de implicação e invenção, no qual o pesquisador não se posiciona como observador



neutro, mas como sujeito implicado no próprio processo de produção de saber, em consonância com os princípios éticos da psicanálise e da filosofia contemporânea.

#### **4 RESULTADOS ESPERADOS**

O projeto de grupo integrador visa impactar a formação de pesquisadores e estudantes capazes de intervir nas realidades regionais com olhar crítico e ético, atuando em formações no âmbito intersetorial. Parte-se da compreensão de que o ensino, a pesquisa e a extensão não se separam: constituem uma prática formativa viva, em que o estudante é convocado a transformar o conhecimento em experiência (LARROSA, 2002) e a sustentar a abertura para o encontro com o outro — condição essencial de qualquer processo de despatologização.

Busca-se promover uma base teórico-científica consistente para a investigação criteriosa dos fenômenos de medicalização e patologização na primeira infância, tensionando o olhar que reduz a diferença entre déficit e o sofrimento no diagnóstico. Os direitos a um diagnóstico são inegáveis. A questão que preocupa e norteia a pesquisa diz respeito ao problema da normatização da diferença pela incidência do diagnóstico apressado, que suprime as manifestações humanas a uma etiqueta. Situação que desloca da essência humana seu caráter profundamente complexo e singular. E na infância, pode comprometer os processos de vir a ser. Neste sentido, essa investigação assume, como norte, o princípio foucaultiano de que saber e poder se entrelaçam nas práticas institucionais e que é possível resistir à captura do sujeito pelos dispositivos de normalização (FOUCAULT, 1987).

Ao mesmo tempo, o projeto pretende construir junto à comunidade estratégias de ação e caminhos inventivos, especialmente em contextos onde os entraves impedem o saber-fazer próprio de cada ofício. Inspirado na ética da psicanálise e na concepção de despatologização, o grupo aposta em práticas interdisciplinares capazes de restituir ao cuidado seu valor formativo, político e humano, entendendo-o como gesto que sustenta o vir-a-ser do sujeito e sua inscrição simbólica na comunidade.



Espera-se, assim, impactar a formação de profissionais críticos e sensíveis à complexidade humana, capazes de reconhecer que o ato de cuidar e educar não se resume a intervir sobre um corpo ou uma conduta, mas implica reconhecer o outro como sujeito de desejo e de direitos. Tal perspectiva converge com a noção de ética cidadã, que entende a formação como exercício de responsabilidade pelo comum.

O resultado esperado é a consolidação de um movimento formativo despatologizante, que una ciência e experiência, técnica e sensibilidade, devolvendo à universidade sua função social de criar saberes capazes de transformar realidades e reencantar o ato educativo como prática de liberdade e invenção. Despatologizar a vida e as relações, representa devolver ao sujeito a possibilidade de viver o tempo como experiência. Na formação universitária, isso se traduz em práticas pedagógicas que privilegiem o diálogo e a pesquisa compartilhada; na clínica, em escutas que respeitem o ritmo de cada estruturação; na sociedade, em políticas que substituam a urgência do controle pela ética do cuidado.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel . **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 7.



HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade Paliativa: a dor hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

JERUSALINSKY, Alfredo. *A direção da cura do que não se cura*. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2005.

JERUSALINSKY, Alfredo; FENDRIK, Silvia (orgs.). **O livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo: Via Lettera, 2011.

JERUSALINSKY, Julieta. **Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar de bebês**. Porto Alegre: Ágalma, 2011.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959–1960)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LARROSA, Jorge. "Notas sobre a experiência e o saber de experiência." *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002.

NOLASCO, Vivian. **O fracasso escolar e a estruturação psíquica precoce: uma articulação entre sociologia da educação e psicanálise**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2018.

PAÍS, Alfredo. "**Interdisciplina e transdisciplina na clínica dos transtornos do desenvolvimento infantil**." In: *Escritos da Criança*, n. 4. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 1996.

PAULON, S. M. **Pesquisa-intervenção e a produção de subjetividade: o dispositivo como campo ético-estético-político**. *Psicologia & Sociedade*, v. 16, n. 1, p. 91-99, 2004

REDE-BEBÊ. **Manifesto da REDE-BEBÊ: em defesa da infância como tempo de estruturação**. Publicado em 12 out. 2025. Disponível em: <https://rede-bebe.org/manifesto>. Acesso em: 4 out. 2025.